

A VIA DE UM GUERREIRO... COM SABEDORIA E SENSO DE HUMOR: UMA SINOPSE DA OBRA DE GUERREIRO RAMOS

R. M. GARCIA*

1. *Introdução*; 2. “No princípio era a ação”; 3. “No princípio era o poder”; 4. “No princípio era o sentido”; 5. “No princípio era o verbo”; 6. *Resumo final*.

1. *Introdução*

“Está escrito: ‘No princípio era o verbo.’ (...) Eis-me aqui, de saída, paralisado. Quem me ajudará a prosseguir? Não posso conferir ao verbo tal mérito; devo traduzi-lo de outra forma, se estou verdadeiramente iluminado pelo Espírito. Está escrito: ‘No princípio era o sentido.’ (...) Bem considere esta linha cuidadosamente e não permita à sua pena qualquer precipitação. É a mente que realiza e cria todas as coisas? (...) Isto poderia ser dito, então, da seguinte forma: ‘No princípio era o poder.’ (...) Mas ainda mesmo enquanto estou mudando o que escrevi, algo me diz para não me limitar a isto. O Espírito vem em meu auxílio. De súbito, atino com a solução e escrevo confiante: ‘No princípio era ação.’”¹

É assim que Goethe, através da reflexão e da fala de Fausto, revela — artística e profundamente — todo o drama da consciência humana. Em sua busca inquisitiva da verdade, a consciência errante e inquieta de Fausto atravessa vários estágios intimamente relacionados: de “no princípio era o verbo”, passa pela consideração de “no princípio era o sentido”, até a profunda reflexão “no princípio era a ação”.²

Se apenas vírmos Fausto como a figura que vende sua alma ao diabo em troca de conhecimentos e poder, esta citação de Goethe tornar-se-ia completamente supérflua. Mais do que isso: sua busca da verdade seria moralmente insus-

* Professor na Escola de Administração de Empresas de São Paulo (Eaesp), da Fundação Getúlio Vargas. (Endereço do autor: EAESP/FGV — Av. 9 de Julho, 2029 — 01313 São Paulo, SP.)

¹ Spirkin, A. *El origen de la conciencia humana*. Buenos Aires, Platina, 1965. p. 22. Uma tradução diferente é apresentada por Adam Schaff em *Marxism and human individual*. McGraw-Hill, 1970. p. 71.

² Id. *ibid.* p. 22.

tentável; sua consciência seria maligna; e Fausto, como personagem, uma pessoa bastante desinteressante. Entretanto, ao contrário desta interpretação popular, deve-se notar que o simbolismo de Goethe é a expressão de uma mente eminentemente eidética e intuitiva, onde a contínua decadência e regeneração de seus personagens nos revela os elementos dinâmicos da consciência humana.³

Neste sentido, Goethe está precisamente denunciando a existência vazia daqueles que, nos tempos modernos, venderam suas almas ao diabo; isto é, aquelas formas de existência que nos levaram a um estado de desperdício generalizado, com todos os aparatos proporcionados por uma sociedade centrada no mercado, que suprimiu no homem o que é humano e, em consequência, lançou-o ao desespero, à penúria intelectual, à doença e à delinquência.⁴ É precisamente isto que — em minha versão bem pessoal de Goethe — está simbolicamente representado como sendo o diabo. E é isto que, em minha própria perspectiva, deverá ser superado pelo homem.⁵ Neste contexto, o que emerge é a figura de um Fausto diferente, digamos, um Antifausto, o que o torna um personagem bastante interessante. Nesta perspectiva, tudo indica que o questionamento existencial de Fausto estaria exprimindo nossa própria busca da verdade, se bem que sob uma forma diferente e em graus diversos.

Como foi salientado por Lukács, o homem é um homem no sentido pleno da palavra quando age.⁶ Segundo este autor, o texto de Goethe, que transcrevemos a seguir, seria uma clara formulação de suas motivações.

“Tudo que o homem se empenha em executar, seja por palavras ou feitos, deve ser o produto de todas as suas capacidades agindo em conjunto; tudo que se mantiver isolado é repreensível.”⁷ Neste contexto, feito, sustenta Schaff, envolve ambas as categorias de fazer e de trabalhar.⁸

Em resumo, o drama de Fausto sugere que, se buscarmos a origem da consciência humana, a filogênese do homem, é bem provável que possamos descobrir o indício básico para a ontologia do homem. Isto é, sob certos aspectos, análogo à abordagem da escola histórica, na qual a emancipação da consciência se dá “(...) não por generalizações abstratas, mas pela intuição acolhedora e pela descrição morfológica”.⁹

É precisamente buscando inspiração — espero — em intuições acolhedoras e utilizando descrições morfológicas que iremos abordar a contribuição intelectual do Prof. Guerreiro Ramos. Meu diálogo com Guerreiro Ramos irá reproduzir os quatro mencionados momentos de um movimento que é ao mesmo tempo único, singular e articulado. Com uma grande diferença, entretanto, pelo fato de começarmos pela ação, não somente nos colocamos na gênese de um novo estado de consciência mas, também, ao fazê-lo, viramos a imagem popular de Fausto de pernas para o ar. Além disso, ao articularmos os quatro momentos simultaneamente, ou seja, sem tornar qualquer deles absoluto ou independente, esperamos evitar certos descarrilamentos filosóficos muito comuns.

³ Bertalanffy, Ludwig von. *General system Theory*. New York, George Braziller, 1968. p. 145 e 245.

⁴ Bertalanffy, Ludwig von. *Robots, men and minds*. New York, George Braziller, 1967. p. 113.

⁵ Desnecessário dizer que não estamos pregando uma visão de mundo maniqueísta.

⁶ Lukács, George. *History and class consciousness*. Cambridge, The MIT Press, 1975. p. 139.

⁷ Id. *ibid.* p. 141.

⁸ Schaff, Adam. *op. cit.* p. 71.

⁹ Mannheim, Karl. *Ideology and utopia*. New York, Harvest Book, 1936. p. 234.

Assim, meu diálogo com Guerreiro Ramos compreende quatro momentos interligados: a) um filósofo da ação; b) um arguto teórico do Estado, ou melhor, um criativo e empenhado ideólogo da cultura; c) um homem que sempre exibiu um sentido de vida altamente desenvolvido, isto é, um senso de justiça e ética, e, acima de tudo, um senso estético do mundo, inextricavelmente interligado à sua própria compreensão dos assuntos humanos; d) finalmente, um homem que sempre teve um grande controle sobre as palavras (ao invés de ser dominado por elas), que, na maior parte do tempo, articulava idéias altamente inteligentes, mas que, como todo e qualquer ser humano, emitia, de acordo com as circunstâncias, observações bem-humoradas e tristes, serenas e agressivas, benignas e cáusticas.

Nossa versão da contribuição intelectual do Prof. Guerreiro Ramos baseia-se, a par de alguns contatos pessoais, na análise dos seguintes livros:¹⁰ *Sociología de la mortalidad infantil*, *Ideologias e segurança nacional*, *Condições sociais do poder nacional*, *Introdução crítica à sociologia brasileira*, *O problema nacional do Brasil*, *A crise do poder no Brasil*, *Mito e verdade da revolução brasileira*, *A redução sociológica*, *Administração e estratégia do desenvolvimento*.

É, entretanto, importante notar que o conjunto da contribuição intelectual do Prof. Guerreiro Ramos excede de muito os livros mencionados. Como vamos apresentar apenas alguns trechos escolhidos desses livros, o leitor deverá ter em mente que está lidando com uma amostra de uma amostra. Além disso, este estudo restringe-se à obra de Guerreiro Ramos; qualquer eventual referência a características pessoais baseia-se apenas nos textos consultados, uma vez que nosso conhecimento acerca de dados biográficos será deliberadamente omitido.

Estou eu de novo paralisado? Claro que não. O “espírito” veio em meu auxílio e, de súbito, visualizo a solução e... escrevo confiante: “No princípio era a ação...”

2. “No princípio era a ação”

Uma vez mais, é Fausto quem abre o livro de Guerreiro Ramos intitulado *Administração e estratégia do desenvolvimento*, profetizando: “Só lidando sem fim o homem se prova”. Em uma entrevista publicada na revista *Marco*,¹¹ Guerreiro Ramos diz: “Meu lema é e será sempre o de Napoleão: ‘on s’engage et puis on voit.’ Seguindo este lema, pude restituir à cultura, para mim, o seu sentido original de saber. Para me entender, é preciso pôr ênfase em saber, na condição de estar de posse, de estar senhor daqueles ângulos, daquelas nuances, daqueles refolhos, daqueles tropos da vida que os inocentes, os equivocados, os confirmados negligenciam ou não percebem. Este saber culto só se adquire des-

¹⁰ Guerreiro Ramos, Alberto. *Sociología de la mortalidad infantil*. México, Biblioteca de Ensayos Sociológicos, Universidad Nacional, 1955; ———. *Ideologia e segurança Nacional*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1957; ———. *Condições sociais do poder nacional*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1957; ———. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro, Andes, 1957; ———. *O problema nacional do Brasil*. Rio de Janeiro, Saga, 1960; ———. *A crise do poder no Brasil*. Rio de Janeiro, Zahar, 1961; ———. *Mito e verdade da revolução brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1963; ———. *A redução sociológica*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1965; ———. *Administração e estratégia do desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1966.

¹¹ Guerreiro Ramos, Alberto. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. op. cit. p. 214-5.

cendo aos infernos ou (...) mordendo a maçã, como Adão. Quem não obedece àquela regra não pode conjurar o hermetismo constitucional da cultura, que só entrega o seu segredo aos generosos.”

Assim, qual é o segredo? O código? Ter simpatia por Napoleão? Adotar sua visão autoritária de vida?¹² Por certo que não. A chave é dada com clareza: lidar sem fim, engajar-se, morder a maçã ou... agir.

Mais do que qualquer outro sociólogo brasileiro que conheço, Guerreiro Ramos proclamou e insistiu na necessidade do envolvimento prático do cientista social com a sua realidade. Em *Introdução crítica à sociologia brasileira*, em um capítulo intitulado Sociologia enlatada *versus* sociologia dinâmica, ele afirma: “A melhor maneira de fazer ciência é *a partir da vida*, ou ainda, *a partir da necessidade* de responder aos desafios da realidade.”¹³

Em outra passagem do mesmo livro, ele enfatiza:

“Na verdade, os conceitos sociológicos não saíram da cabeça dos sociólogos, não lhes foram revelados em hora de mediunidade; resultaram do *exame crítico de situações vividas, dentro de limites históricos*.”¹⁴

E, em adição:

“*Toda genuína sociologia emerge de suportes existenciais comunitários* e, assim, contribui para aprofundar a inserção do homem no seu contexto nacional ou regional.”¹⁵

E, algumas páginas adiante:

“As atividades intelectuais obedecem, em cada sociedade, às *leis particulares de sua estrutura*, não só quanto aos temas sobre que incidem, como quanto à função que desempenham. Nada está solto na estrutura social, mas *todos os seus aspectos estão dinamicamente relacionados*.”¹⁶

Este compromisso com a vida, e particularmente com os problemas propostos pela realidade que o cercava, levaram-no a encontrar respostas para problemas como mortalidade infantil, ação política, administração pública, organização social dos negros, agressões pessoais, etc.

Nesta perspectiva, um dos primeiros livros mais conhecidos de Guerreiro Ramos aborda o problema da mortalidade infantil,¹⁷ focalizando temas como: o que é um problema social, suas características, definição e bases teóricas; evolução das medidas de proteção à infância; a importância relativa dos indicadores de mortalidade infantil; importância social e econômica da estrutura etária; estrutura social e a saúde do povo; pobreza, medicina popular e mortalidade infantil. Em suma, uma interpretação sociológica do problema brasileiro da mortalidade infantil.

Neste livro, Guerreiro Ramos chega à seguinte conclusão fundamental: uma vez que a mortalidade infantil no Brasil é um fenômeno econômico e social, a abordagem médica deste problema deve ser encarada como tendo uma natureza subsidiária. Deste modo, o problema mais bem melhor atacado através da formulação e implementação de políticas econômicas e sociais que promovam (dentro

¹² Ver, por exemplo, a crítica ao bonapartismo feita por Guerreiro Ramos em *A crise do poder no Brasil*. op. cit. p. 37-8.

¹³ Guerreiro Ramos, Alberto. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. op. cit. p. 77.

¹⁴ Id. ibid. p. 109.

¹⁵ Id. ibid. p. 90.

¹⁶ Id. ibid. p. 102.

¹⁷ Guerreiro Ramos, Alberto. *Sociología de la mortalidad infantil*. op. cit.

das possibilidades e características do nosso particular processo de capitalização) a melhoria das condições de vida das populações.¹⁸

Uma vez mais, em seu livro *Introdução crítica à sociologia brasileira*, Guerreiro Ramos manifesta seu compromisso básico com os fatos da vida — com a vida brasileira. Pela utilização do que ele chama de método empírico-indutivo, critica agudamente a sociologia convencional e acadêmica, em virtude de seu caráter dogmático-dedutivo e, principalmente, de seu pedante distanciamento do mundo real.¹⁹ Segundo Guerreiro Ramos a postura metodológica autêntica é aquela em que há um equilíbrio dialético entre teoria e prática, isto é, aquela em que o pesquisador se abstém de assumir *a priori preferências*, seja pela teoria ou pela prática. Ou, em suas próprias palavras: “Note-se que não dou primado sistemático nem à teoria, nem à prática. Em toda prática há uma teoria imanente. Em toda teoria há uma prática imanente.”²⁰

Introdução crítica à sociologia brasileira é, portanto, uma tentativa de desvendar aquelas características imanentes da realidade brasileira, ou melhor, um esforço de teorização da realidade nacional de 1870 a 1957. O livro é dividido em três partes. A primeira, intitulada Crítica da sociologia brasileira, a segunda sob o título de Cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo e finalmente a terceira, intitulada Documentos de uma sociologia militante.

Este livro também possui dois apêndices — Sobre a crise brasileira e a sociologia no Brasil e “...a descida aos infernos” — ambos abordando questões muito importantes.

A principal contribuição analítica da primeira parte é a tipologia criada por Guerreiro Ramos para caracterizar a alienação e o distanciamento da sociologia brasileira de suas próprias raízes e problemas. O autor delimita uma síndrome complexa, da seguinte forma:

1. *Simetria e sincretismo*. Em geral, o sociólogo brasileiro está sempre disposto a adotar literalmente, sem críticas, os desenvolvimentos teóricos mais avançados dos centros europeus ou americanos.²¹
2. *Dogmatismo*. Adoção generalizada de argumentos baseados em autoridades reconhecidas e grandes nomes do mundo sociológico, ou na tendência a discutir ou avaliar fatos através de uma montagem artificial e mecânica de textos de autores de prestígio.²²
3. *Dedutivismo*. Inextricavelmente associado ao dogmatismo; como é concedido aos sistemas teóricos estrangeiros um valor absoluto, estes sempre passam a ser vistos como um ponto de partida para a explicação ou elucidação dos fatos vivos da realidade brasileira.²³
4. *Alienação*. Ocorre porque, entre nós, a ciência social não é orientada para o desenvolvimento e a autodeterminação de nosso país. Em geral, os sociólogos

¹⁸ Muito embora essas afirmações possam ser consideradas hoje de senso comum, não devemos esquecer que *Sociología de la mortalidad infantil* foi escrito em 1954. Para conclusões mais detalhadas, ver p. 248-50.

¹⁹ Ver *Introdução crítica à sociologia brasileira*, principalmente o capítulo 8, da segunda parte, intitulado *O problema da pesquisa sociológica no Brasil* (op. cit. p. 114-8).

²⁰ Id. ibid. p. 210.

²¹ Id. ibid. p. 19.

²² Id. ibid. p. 20.

²³ Id. ibid. p. 21.

5. *Inautenticidade*. É, fundamentalmente, uma espécie de resultante das características anteriores: porque o trabalho sociológico em nosso país não se estriba brasileiros adotaram a mesma atitude etnocêntrica de autores estrangeiros, abordando nossos problemas a partir de avaliações externas.²⁴

em genuínas experiências cognitivas. O sociólogo brasileiro opera, em geral, com categorias teóricas e processos que foram desenvolvidos no exterior. Opera com um material “pré-fabricado”. Como ele não pertence à gênese destes processos, nem dela participa, seu controle sobre estes mesmos processos ou categorias teóricas será necessariamente limitado, imperfeito e distorcido. Ele falha ao reconhecer que a sociologia, como ciência, é ela própria um produto histórico, isto é, não é possível compreendê-la senão como um capítulo histórico na evolução do pensamento europeu.

Ora, nossos sociólogos têm adotado os sistemas europeus de pensamento em sua forma terminal e acabada, e, enquanto isso ocorrer, não serão capazes de manejar integralmente esses sistemas porque, para consegui-lo, é indispensável algum suporte vivencial, bem como uma compreensão da gênese histórica desses mesmos sistemas.²⁵

Em todos os primeiros textos de Guerreiro Ramos, o leitor pode encontrar não somente conclusões mas, também, um conjunto de claras recomendações para ação. Em *Introdução crítica à sociologia brasileira*, essas conclusões e recomendações estão relacionadas a cada uma das três partes em que o livro se divide.

Assim, as conclusões da primeira parte são:

- a) desde 1870, toda tentativa de teorização política dos processos brasileiros tem refletido o possível grau de consciência, para cada época particular, dos fatores estruturais fundamentais da realidade nacional;²⁶
- b) os republicanos e positivistas de 1870, em virtude de sua situação ou posição particular na sociedade brasileira, não foram capazes de ver claramente as contradições econômicas de seu tempo, exprimindo em termos eminentemente políticos, as aspirações do estrato superior da classe média;²⁷
- c) este estrato, intimamente ligado ao processo de expansão industrial do Brasil, à medida que se expande, exprimirá politicamente as tendências dominantes do processo de desenvolvimento da sociedade;²⁸
- d) o movimento militar de 1889; Sylvio Romero, durante o período republicano; a campanha civilista de Ruy Barbosa, em 1910; os movimentos revolucionários de 1922 e 1924; a Coluna Prestes e os acontecimentos de 1930 são marcos políticos da revolução da classe média contra o controle exclusivo da sociedade nacional pelos latifundiários e comerciantes;²⁹
- e) de acordo com Guerreiro Ramos, nenhuma das teorias políticas, disponíveis no Brasil de 1870 até 1957, contribuiu para a formação de uma ideologia orgânica da realidade brasileira capaz de tornar-se um sólido suporte para uma ação política dotada de verdadeiro sentido nacional.³⁰

²⁴ Id. *ibid.* p. 22.

²⁵ Id. *ibid.* p. 23-4.

²⁶ Id. *ibid.* p. 69.

²⁷ Id. *ibid.* p. 69.

²⁸ Id. *ibid.* p. 69.

²⁹ Id. *ibid.* p. 69.

³⁰ Id. *ibid.* p. 69.

Na segunda parte da *Introdução crítica*, em um capítulo intitulado Para uma autocrítica da sociologia brasileira, Guerreiro Ramos sustenta as seguintes teses:³¹

- a) as soluções para os problemas sociais dos países latino-americanos devem ser propostas tendo em vista as condições efetivas de suas estruturas regionais e nacionais; é indesejável o transplante acrítico e mecânico de soluções elaboradas em países desenvolvidos;
- b) o ensino da sociologia nos países latino-americanos deve ter o objetivo fundamental de contribuir para a emancipação cultural dos estudantes, dando ênfase aos instrumentos intelectuais que os capacitem a interpretar — de modo autêntico — os problemas efetivos das realidades regionais e nacionais;
- c) no exercício de seu trabalho prático, ao formularem suas propostas técnicas, os sociólogos latino-americanos devem ter em mente, sempre que possível, a situação econômica e as possibilidades financeiras de seus países;
- d) no estágio atual de desenvolvimento dos países latino-americanos, e considerando suas necessidades crescentes de orientar recursos para os sistemas produtivos, é sensato alocar recursos de pesquisa para a interpretação das características básicas das estruturas globais, ao invés de promover pesquisas pseudo-sofisticadas, dirigidas à quantificação de pequenos detalhes;
- e) a metodologia sociológica deve relacionar-se com o ritmo de desenvolvimento dos países latino-americanos, donde os recursos, métodos de trabalho e processos de pesquisa refletiriam, necessariamente, seus níveis de desenvolvimento.

O último capítulo da segunda e da terceira parte (intitulada Documentos de uma sociologia militante) situam em uma perspectiva histórico-social os problemas e relações raciais no Brasil. Voltarei a este ponto no item 4, No princípio era o sentido.

Um outro livro que segue a mesma linha de desenvolvimento intelectual é *A redução sociológica*. Nele, Guerreiro Ramos retoma, aprofunda e expande algumas idéias já expressas em livros anteriores. *A redução sociológica* é, acima de tudo, um compromisso com a ação inteligente sobre a realidade, ou, como foi dito na introdução, é um método concebido para habilitar o cientista social a praticar a transposição de conceitos e experiências de uma perspectiva particular para outra. O que motiva a redução sociológica é um impulso consciente de que existe uma *perspectiva brasileira*, e de que “toda cultura nacional é uma perspectiva particular”.

A meu ver, a redução sociológica é um processo científico-existencial de centralização humana, ou melhor, de busca de um nexos nacional particular. Quando este padrão particular é identificado e “isolado” de uma rede complexa de relações objetivas, pode ser expandido indefinidamente (na dimensão tempo-espaço), sem perder sua configuração básica, isto é, “... à medida que obtemos mais e mais conhecimento, os elementos continuam a se encaixar nesse padrão, e o próprio padrão tem seu lugar em um todo maior”.³²

Segundo Guerreiro Ramos, “a redução é uma atitude metódica que tem por fim descobrir os pressupostos referenciais, de natureza histórica, dos objetos e fatos da realidade social. A redução sociológica, porém, é ditada não somente

³¹ Id. *ibid.* p. 121.

³² Ver, por exemplo, o texto de Abraham Kaplan sobre o modelo do padrão em *The conduct of Inquiry*. Chandler, 1964. p. 327-36.

pelo imperativo de conhecer, mas também pela necessidade social de uma comunidade que, na realização de seu projeto de existência histórica, tem de servir-se da experiência de outras comunidades”.³³

O processo da redução sociológica tem as seguintes características básicas:³⁴

1. É atitude metódica; isto é, pretende ser exatamente o contrário da atitude ingênua. Ao invés de meramente refletir o significado visível dos fenômenos externos, a redução sociológica busca sua complexidade, sua intimidade, ou seja, sua estrutura latente. É a

“... razão sociológica, isto é, uma referência básica, a partir da qual tudo o que acontece em determinado momento em uma sociedade adquire o seu exato sentido”. É a razão histórica, expurgada de seus “... fundamentos vitalistas primitivos, compreendida num sentido estruturador, dinâmico e até mesmo dialético...”³⁵

Daí...

2. Não admitir a existência de uma realidade social sem significado isto é, a realidade social não é um conjunto desconexo de fatos. Os seres humanos se distinguem dos outros seres por sua capacidade de emitir julgamentos de valor e articular significados. Portanto, todo fato da realidade social faz parte necessariamente de conexões de sentido; os fatos estão referidos uns aos outros por vínculos de significação.

Daí...

3. Englobar a noção de homem-no-mundo, cuja característica essencial é a aceitação de que a consciência do homem e o mundo exterior estão reciprocamente relacionados, em uma complexa e infinita teia de referências.

Daí...

4. Conter as noções de perspectiva e valor de posição, isto é, tal como a noção de campo prático de Ortega y Gasset, e os achados da teoria gestaltista, o processo de redução sociológica sustenta (sem se limitar a isto) que o sentido de um objeto externo está sempre ligado a um contexto determinado; a perspectiva sob a qual os objetos são observados integra parcialmente os próprios objetos, ou seja, o homem e os seus objetos estão colocados em uma complexa e dinâmica rede de relações objetivas e subjetivas. Eles têm um valor de posição. Portanto, se os deslocamos para outra perspectiva, ou se mudamos seu valor de posição (isto é, suas principais referências em relação a um todo), aqueles deixam de ser o que eram.

Daí...

5. Sustentar que suas bases são estabelecidas socialmente, ao invés de serem individualistas, isto é, o sociólogo chega à “redução sociológica” quando internaliza, crítica e ativamente, a lógica intrínseca que é inerente a cada sociedade.

Daí...

6. Ser um procedimento crítico-assimilativo da experiência estrangeira, isto é, a “redução sociológica” não implica isolacionismo, nem exaltação romântica das condições locais, regionais ou nacionais. É, ao contrário, dirigida para uma expectativa totalizante e universal — o processo civilizatório universal —

³³ Guerreiro Ramos, Alberto. *A redução sociológica*. op. cit. p. 81-2.

³⁴ Id. *ibid.* p. 81-4.

³⁵ Ver Nunes, Benedito. Considerações sobre a redução sociológica. Apêndice II. In: *A redução sociológica*. op. cit. p. 202-3.

que já existe nos contextos locais, regionais ou nacionais, enquanto possibilidades latentes de esperança, ou seja, o processo de totalização, a maior referência, o todo maior é a comunidade humana universal. Somente tendo esta referência maior pode uma nação estabelecer o seu valor de posição, sua própria perspectiva, ou assumir integralmente — em termos históricos e sociais — suas particularidades existenciais. Somente sabendo que sou um homem posso dizer que sou um homem brasileiro.

Daí...

7. Afirmar que, embora suas bases existenciais sejam situações vivenciais, sua maneira de conhecer o mundo é um processo altamente elaborado, isto é, corresponde a uma visão complexa, pluridimensional e integrada do mundo, onde os aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos e, principalmente, históricos são vistos como parte do mesmo todo.

O livro *A redução sociológica* é, portanto, o desenvolvimento — de uma forma rica e criativa — daquelas características. Compreende 12 capítulos e seis apêndices, cuja presença é *sui generis*, porque acrescentam colorido e compreensão ao texto principal.

A meu ver, as conclusões e recomendações para ação mais importantes contidas neste livro estão expressas nas seguintes “leis”:

1. “Lei” do comprometimento: “Nos países periféricos, a idéia e a prática da redução sociológica somente podem ocorrer ao cientista social que tenha adotado sistematicamente uma posição de engajamento ou de compromisso consciente com o seu contexto.”³⁶

2. “Lei” do caráter subsidiário da produção científica estrangeira: “À luz da redução sociológica, toda produção científica estrangeira é, em princípio, subsidiária.”³⁷

3. “Lei” da universalidade dos enunciados gerais da ciência: “A redução sociológica só admite a universalidade da ciência tão-somente no domínio dos enunciados gerais.”³⁸

4. “Lei” das fases: “À luz da redução sociológica, a razão dos problemas de uma sociedade particular é sempre dada pela fase em que tal sociedade se encontra.”³⁹

Em minha opinião, em qualquer sociedade ou sistema social pode haver, em um estado de coexistência e articulação recíproca, diferentes subsistemas sociais, que, eventualmente, podem ser uma herança de diferentes fases históricas. Nesta articulação, um dos subsistemas é nitidamente hegemônico. Com base nisso, seria possível uma análise comparativa da evolução multilinear dos subsistemas domésticos. Assim, gostaria de modificar ligeiramente esta última lei, da seguinte maneira: como eu a vejo, e à luz da redução sociológica, a “razão de ser” dos problemas de um sistema social particular pode ser encontrada no tipo e na natureza das conexões entre o subsistema hegemônico e os seus subordinados. Estas possíveis e diferentes configurações representam momentos de historicidade (fase) para o todo (nação), bem como para cada um dos subsistemas subordinados (subsistemas em diferentes fases de evolução).

³⁶ Guerreiro Ramos, Alberto. *A redução sociológica*. op. cit. p. 112.

³⁷ Id. *ibid.* p. 120.

³⁸ Id. *ibid.* p. 131.

³⁹ Id. *ibid.* p. 138.

Esta situação foi visualizada por Guerreiro Ramos, quando assinalou: “No Brasil encontram-se todas as fases pelas quais a humanidade até agora já passou, desde o comunismo primitivo ao capitalismo de Estado.”⁴⁰

Finalmente, podemos dizer com Guerreiro Ramos que “... a formação do sociólogo brasileiro ou latino-americano consiste, via de regra, num adestramento para o conformismo, para a disponibilidade da inteligência em face das teorias. Ele aprende a receber prontas as soluções, e quando se defronta com um problema de seu ambiente, tenta resolvê-lo confrontando textos, apelando para as receitas em que se abeberou nos compêndios. Adestrado para pensar por pensamentos feitos, torna-se freqüentemente, quanto aos sentimentos e à volição, um *répétiteur*, isto é, sente por sentimentos feitos, quer por vontades feitas...”⁴¹

É por este motivo que o lema de Guerreiro Ramos é “on s’engage, et puis on voit” ou “só lidando sem fim o homem se prova”.

Sim, senhor!... No princípio era a ação!

3. “No princípio era o poder”

Em quase todos os primeiros escritos de Guerreiro Ramos está presente, em forma latente ou manifesta, a dimensão política; em outras palavras, seus livros e artigos sempre representam um esforço criativo para achar uma solução para algum problema premente. Neste ponto, portanto, vou comentar aqueles livros onde a mensagem política ocupa um lugar nítido e central. Ao fazê-lo, irei distinguir, de maneira algo arbitrária e artificial, entre dois tipos de ênfase, ou seja, entre organização e ação política e administração dos negócios públicos.

No primeiro grupo, incluiria os livros *A crise do poder no Brasil* e *Mito e verdade da revolução brasileira*, no segundo, os livros *Condições sociais do poder nacional*, *Ideologia e segurança nacional*,⁴² *O problema nacional do Brasil* e *Administração e Estratégia do desenvolvimento*.

Esta distinção arbitrária é realizada para auxiliar eventuais leitores estrangeiros, já que os livros do primeiro grupo lidam com uma situação específica do Brasil em um certo período histórico, enquanto os do segundo grupo poderão ter, para aquele leitor, uma abrangência ou relevância maior.⁴³

A crise do poder no Brasil é dividido em quatro capítulos. Neste livro Guerreiro Ramos apresenta as bases científicas de uma opção política brasileira, bem como enfatiza a necessidade de uma reconstrução nacional sobre bases diferentes e populares. Diz ele “... a razão científica, a razão sociológica nos tempos de Oliveira Viana era o vazio de motivações coletivas, isto é, a ausência de povo (como uma entidade política)”* no Brasil. A razão sociológica de nossos tempos é a existência de povo na sociedade brasileira”.⁴⁴

⁴⁰ Id. *ibid.* p. 147.

⁴¹ Guerreiro Ramos, Alberto. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. op. cit. p. 79.

⁴² Os dois primeiros livros deste grupo foram incorporados, mais tarde, com os dois primeiros capítulos de *O problema nacional do Brasil*.

⁴³ Certamente não estou afirmando que os livros do primeiro grupo são destituídos de qualquer importância universal. Precisamente por estarem profundamente enraizados em situações brasileiras, podem estes ter alguma importância universal. Os dois grupos apresentam importantes teorizações que transcendem o contexto brasileiro.

* N. da R. O trecho entre parênteses é do autor.

⁴⁴ Guerreiro Ramos, Alberto. *A crise do poder no Brasil*. op. cit. p. 48.

Em *Mito e verdade da revolução brasileira*, Guerreiro Ramos retoma a idéia de encontrar um caminho brasileiro para os problemas brasileiros, e submetê-lo a um tratamento extensivo e acadêmico. Em *A crise do poder no Brasil*, ele trata o processo político brasileiro em suas raízes históricas, institucionais e sociais, situando o processo brasileiro de transformação política entre outros de reconhecida importância política. É uma abordagem “histórico-topológica” dos processos revolucionários brasileiros, ou seja, é uma tentativa de definir campos de força. Quem somos “nós”? Quem são “eles”? O que pertence a “nós”? O que pertence a “eles”? O que podemos e não podemos adotar deles?

Neste rumo, e de um modo muito mais sofisticado e científico, Guerreiro Ramos desenvolve os sete capítulos de *Mito e verdade da revolução brasileira*.

Esse livro contém a idéia básica de que há muitos modos de processos revolucionários. Um movimento político não deveria ser imobilizado por fórmulas mortas herdadas do passado ou, como diz o autor: “... os mortos não devem governar os vivos”. Além disso, um movimento político deveria ser a expressão de uma situação particular de uma época particular, permanecendo constantemente aberto a novas possibilidades, a novas situações emergentes, ou, em suma, ao devenir.

No prefácio de outro livro, *O problema nacional do Brasil*, ele escreve: “A ciência só é privilégio de poucos em sistemas sociais mantidos à custa de larga margem de espoliação. O hermetismo não é característica essencial da ciência, mas uma falácia, uma impureza e debilidade impostas ao saber, historicamente, por condições sociais que o progresso tende a eliminar. Destina-se a ciência a constituir-se em forma comum de vida humana”.⁴⁵

Este livro é, portanto, um ataque ao *hermetismo*, uma tentativa de previsão de condições futuras e, acima de tudo, um guia para os brasileiros entenderem seu próprio país. Divide-se *O problema nacional do Brasil* em oito capítulos (inclusive apêndice), nos quais Guerreiro Ramos articula algumas idéias fundamentais que seria importante reproduzir:

1. “Todo aconselhamento baseado numa ciência econômica que considere definitiva a situação de complementaridade entre a economia dominante e sua periferia revela, por isso mesmo, a sua intenção ideológica e conseqüentemente alienada, do ponto de vista dos países da periferia.”⁴⁶
2. “Todo sistema de segurança nacional tem necessariamente um conteúdo ideológico, mesmo que pretenda ser ideologicamente neutro.”⁴⁷
3. “Os problemas regionais resultantes do desenvolvimento do país só podem ser resolvidos pelo desenvolvimento e à luz de um ponto de vista nacional.”⁴⁸
4. “Adverta-se que, implicando o desenvolvimento a substituição de determinadas modalidades de relações humanas por outras, é claro que acarreta sempre ônus para aqueles que preferem imobilizar a sociedade em determinado esquema de convivência.”⁴⁹
5. “A carência fundamental da sociedade brasileira hoje é a da teoria global de sua situação.”⁵⁰

⁴⁵ Guerreiro Ramos, Alberto. *O problema nacional do Brasil*. op. cit. p. 11.

⁴⁶ Id. *ibid.* p. 31.

⁴⁷ Id. *ibid.* p. 46.

⁴⁸ Id. *ibid.* p. 148.

⁴⁹ Id. *ibid.* p. 109.

⁵⁰ Id. *ibid.* p. 190.

6. "O sentido fundamental de toda programação econômica se encontra em suas premissas ideológicas."⁵¹

7. "Sempre que possível deve ser sistematicamente preferida a escala dos projetos mais ajustada à capacidade empresarial interna e ao tamanho do mercado nacional."⁵²

8. "A partir de certo nível de capacidade política, o problema de formação de capitais se converte numa questão de transformar a poupança virtual existente na coletividade em poupança efetiva ou real. *A capacidade política cria capacidade econômica.*"⁵³

9. "Nenhuma sociedade se apresenta problemas de desenvolvimento que não possa resolver com o pleno emprego racional dos seus recursos."⁵⁴

10. "*O recurso escasso por excelência no Brasil, hoje, é capacidade política.*"⁵⁵

Parece que Guerreiro Ramos tentou tudo no seu alcance para melhorar a capacidade política da nação brasileira. Foi uma completa doação pessoal à causa da libertação nacional e à contínua valorização das condições humanas e existenciais do povo brasileiro. Nos livros que acabamos de comentar, ele se dirigia aos políticos e aos líderes do governo que constituíam o grupo dirigente à época. Em seu último livro publicado no Brasil, entretanto, ele começou a dirigir-se a uma nova "clientela": os técnicos e os administradores públicos, importantes grupos sociais da fase de desenvolvimento brasileiro que se iniciava. Uma vez mais, a motivação básica foi um impulso irreprimível de revelar o Brasil aos brasileiros.

Seu livro *Administração e estratégia do desenvolvimento* é mais do que um simples livro. São 453 páginas de esperança, de fé em um Brasil emergente, capaz de fazer sua própria "redução histórico-política". Como ele afirma no prefácio: "O presente livro é publicado num momento de encruzilhada na sociedade e na cultura brasileiras. Quem não for insensível à ironia dos acontecimentos decerto entenderá que o processo histórico-social, nos últimos anos e nos dias correntes, é ele próprio a demonstração empírica da inobjetividade de teses dominantes sobre a vida brasileira, até bem pouco acolhidas e propagadas por numerosas pessoas, em nome da ciência social." (...)

"Nenhum profissional carece mais do que o administrador de disciplinar a sua imaginação a fim de desempenhar o seu papel de agente ativo de mudanças sociais, do desenvolvimento, em suma. Este livro é-lhe destinado."⁵⁶

Em realidade, este último livro de Guerreiro Ramos é um tratado de ciência administrativa, dedicado aos administradores que vêem sua profissão como uma ferramenta para a evolução dos sistemas políticos e sociais. Sem sombra de dúvida, *Administração e estratégia do desenvolvimento* é uma contínua e inexaurível fonte de conhecimentos para aqueles que querem saber mais sobre a administração pública e a evolução social.

Particularmente importante neste livro é que, contrariamente ao espírito social prevalente em sua época, o autor soube situar a administração pública em

⁵¹ Id. *ibid.* p. 191.

⁵² Id. *ibid.* p. 200.

⁵³ Id. *ibid.* p. 208 (grifo nosso).

⁵⁴ Id. *ibid.* p. 208.

⁵⁵ Id. *ibid.* p. 210 (grifo nosso).

⁵⁶ Guerreiro Ramos, Alberto. *Administração e estratégia do desenvolvimento*. op. cit. p. XI.

um adequado contexto de evolução social, em vez de ser mais um, na imensa e solitária multidão, a escrever, disfarçadamente, sobre controle social.

4. “No princípio era o sentido”

Pelo que discutimos até agora, ficou claro que as idéias de Guerreiro Ramos formam um sistema amplo e integrado. O melhor símile que posso adotar para explicar o conceito fundamental do sistema de idéias de Guerreira Ramos é a noção de totalidade. Qualquer totalidade que se possa imaginar nunca é uma coisa amorfa ou indiferenciada: pressupõe o arranjo de múltiplos aspectos ou elementos, uma vez que seria logicamente impossível arranjar um único aspecto ou elemento. Daí, a noção de todo postular a unidade da multiplicidade. Um outro pressuposto é de que as totalidades têm um e somente um princípio construtivo, o que confere unidade a esta *unitas multiplex*.⁵⁷ É (como foi salientado em *A redução sociológica*) a razão sociológica, isto é, a referência básica a partir da qual tudo que existe adquire o seu significado exato. Por sua vez, o próprio significado tem um valor de posição, ou seja, sua posição relativa em relação a um todo mais amplo. Em consequência, o princípio construtivo ou o sentido de um todo pode ser perfeitamente ou apenas aproximadamente realizado em uma determinada totalidade. “Existem totalidades em que todas as posições significativas do sistema estão ocupadas em perfeita adequação com o princípio construtivo, mas também existem totalidades em que somente um número limitado de posições, suficientes para sugerir o princípio construtivo, são ocupadas, enquanto outros elementos estão fora de posição. Esta é a diferença a que os psicólogos gestaltistas se referem, um tanto vagamente, ao utilizar os termos ‘boa’ ou ‘má’ gestalt.”⁵⁸

Entretanto, quando tentamos aplicar essas noções a uma sociedade organizada, surgem alguns problemas, porque as noções de “boa” e “má” gestalt são imediatamente ligadas às noções de “normal” e “patológico”. Existiria uma “patologia social”? Guerreiro Ramos sustenta que a questão é delicada, e aberta a muitas especulações e equívocos de todas as espécies.⁵⁹ Segundo ele, Durkheim aborda este problema de um modo razoável, isto é, o critério de normalidade é algo que deve ser induzido a partir de condições particulares.⁶⁰ Também segundo Durkheim, para sabermos se um fato social é normal não basta avaliar as suas características atuais, mas é necessário considerar a fase emergente de sua evolução.⁶¹ Assim, o critério de normalidade varia constantemente, historicamente, em uma mesma sociedade ou, em outras palavras, a sociedade pode ser vista como uma configuração social (ou gestalt), cujo princípio construtivo se altera de tempos em tempos, isto é, de uma fase histórica para outra. Os períodos de transição são particularmente difíceis, porque alguns elementos da configuração estão fora de posição, apenas o suficiente para sugerir que um novo princípio construtivo está a caminho.

⁵⁷ Veja Angyal, A. A logic of systems. In: Emery, F. E. *Systems thinking*. Penguin Books, 1970. p. 27-8.

⁵⁸ Id. *ibid.* p. 28.

⁵⁹ Guerreiro Ramos, Alberto. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. op. cit. p. 172-3.

⁶⁰ Id. *ibid.* p. 173.

⁶¹ Id. *ibid.* p. 173.

Neste sentido, o futuro é algo que está faltando nas condições atuais, mas que, pela sua própria ausência, revela uma realidade emergente.⁶² Assim, de acordo com essas idéias, o futuro é o presente que ainda não se realizou. Por outro lado, o passado é o presente já realizado. É por isso que para sabermos, durante os períodos de transição, se um fato social é “normal” ou não, torna-se necessário descobrir se o mesmo conjunto de condições (ou seja, a mesma configuração) persiste no presente. Se o fato social tem suas origens em condições sociais do passado e, atualmente, temos um novo conjunto de condições, podemos dizer que a persistência desse fato social é algo “patológico”⁶³ Esse fato social está fora de posição. É uma “má” gestalt.

É precisamente ao longo destas idéias que Guerreiro Ramos aborda o problema das relações de raça no Brasil. Isto é, durante as fases iniciais da nação brasileira, a desvalorização estética da cor negra, ou ainda, a associação desta cor ao feio e ao ser degradante estava, em última análise, relacionada com a posição social dos negros em uma sociedade escravocrata.⁶⁴ Para manter e consolidar sua dominação sobre a população de cor, a minoria colonizadora teve que favorecer e promover, através da violência e da doutrinação dogmática, um tipo particular de razão social (ou princípio construtivo) que abrangia idioma, religião, valores estéticos, costumes, etc. Só assim poderia apoiar sua autoridade em bases sólidas e ter uma efetiva garantia da perpetuação de seu poder.⁶⁵

“Para garantir a espoliação, a minoria dominante de origem européia recorria não somente à força, à violência, mas a um sistema de pseudojustificações, de estereótipos, ou a processos de domesticação psicológica. A afirmação dogmática da excelência da brancura ou a degradação estética da cor negra era um dos suportes psicológicos da espoliação.”⁶⁶

A discriminação da cor negra torna-se patológica nas atuais condições brasileiras, em que um intenso processo de miscigenação e a mobilidade social gerada pelo processo de industrialização alteraram toda a configuração da sociedade brasileira. Em outras palavras, o preconceito racial é algo fora de posição. É patológico. É uma “má” gestalt. Ou, nas próprias palavras de Guerreiro Ramos:

“Na sociedade brasileira, em larga escala, o *ethos*, a *norma*, ainda dominantes, são remanescentes de fases ultrapassadas de nossa evolução econômico-social, e se destinam a ser superadas em consequência do aparecimento de novos fatores objetivos que estão já condicionando a vida do país.”⁶⁷

Segundo Guerreiro Ramos, as dificuldades que envolvem a definição da “patologia social” podem ser superadas na medida em que a abordamos através da análise de casos concretos, quando se renuncia a uma definição genérica de “patologia social” e se tenta mostrar a patologia das situações particulares.⁶⁸

No Brasil, principalmente nas regiões em que a miscigenação foi intensa, muitas pessoas tendem a expressar auto-avaliações estéticas que são, na verdade, um protesto contra si próprias, contra sua própria condição étnica objetiva. E é este

⁶² Sartre, Jean-Paul. *Search for a method*. Vintage Book, 1968. p. 94.

⁶³ Guerreiro Ramos, Alberto. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. op. cit. p. 174.

⁶⁴ Id. *ibid.* p. 174.

⁶⁵ Id. *ibid.* p. 174-5.

⁶⁶ Id. *ibid.* p. 175.

⁶⁷ Id. *ibid.* p. 177.

⁶⁸ Id. *ibid.* p. 177.

desequilíbrio da auto-estima, verdadeiramente coletivo no Brasil, que Guerreiro Ramos considera patológico.⁶⁹

Com efeito, foi precisamente nestes próprios contextos demográficos que se desenvolveu um padrão de estética social em que a cor negra ocupa, por assim dizer, um pólo negativo.⁷⁰ “O ideal da brancura, tal como o ilustramos anteriormente, nas condições atuais, é uma sobrevivência que embaraça o processo de maturidade psicológica do brasileiro, e, além disso, contribui para enfraquecer a integração social dos elementos constitutivos da sociedade nacional.”⁷¹

Segundo Roger Bastide, a contribuição de Guerreiro Ramos constitui uma exceção bem-vinda aos estudos sociológicos sobre as relações raciais, especialmente sua luta a favor de uma “...sociologia negra baseada na conscientização do negro brasileiro em relação a si próprio e a seu destino...”⁷² Neste sentido, “Guerreiro Ramos iniciou a discussão dos negros pelos negros; ele rejeita, como igualmente distorcida pelo etnocentrismo, toda a discussão anterior conduzida por brancos, quer por estrangeiros, que ele considera incapazes de decodificar a mensagem brasileira, quer por nacionais, que, diz ele, falsificam os fatos, tentando encaixá-los em sistemas conceituais do exterior.”⁷³

Em resumo, Guerreiro Ramos, em seus estudos e artigos sobre a população negra do Brasil, tentou mostrar que a cultura negra deveria ser vista “...como uma cultura viva, capaz de constante criação, de passo certo com os ritmos de mudança na sociedade global, da qual não é uma expressão marginal, mas sim um componente dialético.”⁷⁴

5. “No princípio era o verbo”

Era nossa intenção reproduzir, neste capítulo, alguns trechos selecionados da obra de Guerreiro Ramos, dando especial ênfase a algumas belas idéias expostas em *O problema do negro na sociologia brasileira* e *Patologia social do “branco” brasileiro*. Entretanto, em virtude das limitações de espaço e tempo, somos praticamente forçados a alterar nosso objetivo.

Não obstante, gostaríamos de registrar que, na prosa de Guerreiro Ramos, pode-se encontrar um tal ritmo poético que torna, às vezes, a tradução para outras línguas somente possível com alguns danos ao seu pensamento original.

O leitor dos livros de Guerreiro Ramos não deve exigir a linguagem insípida e incolor do chamado discurso científico; em outras palavras, todos os primeiros trabalhos de Guerreiro Ramos foram escritos em um tipo de linguagem que exhibe um ritmo e movimento que se poderia chamar de *allegro molto vivace* ou *allegro molto appassionato*, o que é um flagrante contraste com a literatura técnica corrente, que manifesta um estilo *allegretto ma non troppo*.

Isso pode parecer estranho e, até certo ponto, uma falta de qualidade acadêmica. Entretanto, o leitor deve entender que nós, brasileiros — e, talvez mais do

⁶⁹ Id. *ibid.* p. 177.

⁷⁰ Id. *ibid.* p. 181.

⁷¹ Id. *ibid.* p. 187.

⁷² Bastide, Roger. The present status of Afro-American research in Latin America. In: *Daedalus*, p. 120, Spring 1974.

⁷³ Id. *ibid.* p. 114.

⁷⁴ Id. *ibid.* p. 121.

que qualquer outro, Guerreiro Ramos — somos um povo intrinsecamente musical e poético. Que temos uma forma de expressão que não opõe a arte à ciência.

6. *Resumo final*

Guerreiro Ramos “descobriu” os problemas mais prementes do povo brasileiro de um modo muito existencial. Dirigiu sua atenção para o problema da mortalidade infantil e começou a trabalhar nele. Ao longo dos anos, engajou-se em um processo de estudo e reflexão que produziu algo bem novo e criativo na filosofia dos negócios públicos. De uma situação de engajamento direto na luta para libertar e criar um novo mundo para seus concidadãos, ele pode ser comparado através do pensamento e da experiência pessoal a importantes nomes da literatura mundial, muito embora em situações diferentes e posições políticas diversas.

O mundo de Guerreiro Ramos não é uma ordem estática e fechada, uma realidade dada que o homem tem que aceitar e à qual deve ajustar-se; em vez disso deve ser encarado como um problema a ser trabalhado e resolvido. Neste sentido, Guerreiro Ramos está entre aqueles que acreditam que não pode haver cognição sem uma crítica das idéias recebidas e da realidade existente, particularmente nas ciências sociais. De acordo com esta respeitável tradição intelectual, os homens devem lidar crítica e criativamente com a realidade, e devem descobrir como participar da transformação de seu mundo. Neste sentido — e esta talvez seja a mais importante contribuição dos livros de Guerreiro Ramos — torna-se evidente que não existe tal coisa como uma abordagem metodológica restituída de valorizações.

Como foi mostrado ao longo deste estudo, o ponto de partida de Guerreiro Ramos é a vida; o homem e suas condições de vida, em constante e infindável intercâmbio com sua realidade. Ou, como foi assinalado no livro *A redução sociológica*, a condição humana situada e datada.⁷⁵ Estas duas últimas palavras trazem imediatamente duas importantes noções: espaço social (situação) e história, ou, como convencionalmente chamadas na terminologia de Sausurre: sincronia e diacronia. Como somente o homem tem história, e como somente o homem é capaz de perceber e agir de acordo com um conjunto de valores, resulta que somente o homem é capaz de atribuir significado ao mundo. É isto que significa, em trechos citados em capítulos anteriores, a relação dinâmica entre os temas, idéias e conceitos (ou, em duas palavras, as atividades intelectuais) e as condições de vida do homem (ou a base existencial da comunidade, ou as particularidades da estrutura social, etc.). Aqui, essas relações dinâmicas são apreendidas em seu duplo significado, ou seja, espaço social (situação) e limites históricos (data). Além disso, as representações intelectuais do homem não somente refletem essas situações histórico-sociais — do mesmo modo como um espelho refletiria seu mundo exterior — mas, acima de tudo, essas relações dinâmicas têm uma natureza crítica, isto é, foi concedido ao homem não apenas o reinado da necessidade, mas também o da liberdade. Isto sugere, segundo uma fórmula bem conhecida, que o homem não somente é um produto de suas circunstâncias como também, graças a seu engajamento crítico, um ativo criador de suas circunstâncias. Além do mais, isto mostra claramente que Guerreiro Ramos dominava a famosa fór-

⁷⁵ Guerreiro Ramos, Alberto. *A redução sociológica*. op. cit. p. 105.

mula de Heidegger — homem-no-mundo. Entretanto, há uma importante diferença. Não a que poderia ser expressa por uma forma diferente, tal como homem-nas-circunstâncias-de-vida — mas, em vez disso, e acima de tudo, porque Guerreiro Ramos não conceitua o homem como algo isolado da realidade. Para ele, o homem está nas circunstâncias de vida porque faz parte delas. O homem não é um compartimento isolado dentro da realidade. Ele é um ser constitutivo da realidade. Assim, qualquer raciocínio solipsista que o considere isoladamente é parcial e, portanto, falso. Embora o homem seja parte de suas condições de vida, ele não está situado na realidade inteira. O homem está sempre em uma circunstância concreta que é um pequeno fragmento da realidade total.⁷⁶ É precisamente o conceito de circunstância de vida (ou seus sinônimos: situação ou condição de vida, bases existenciais da comunidade, particularidades da estrutura social, etc.) que permite a Guerreiro Ramos ligar (situar) o homem à sociedade inteira. Aqui, situar significa desvelar a posição do homem e suas circunstâncias existenciais como algo relacionado a um grande todo. Ou, nas palavras de Guerreiro Ramos: “nada está solto na estrutura social, todos os seus aspectos estão dinamicamente relacionados”; bem assim, “...os suportes existenciais comunitários (...) (contribuem) para aprofundar a inserção do homem no seu contexto nacional ou regional”.

Neste ponto, entretanto, tornam-se necessárias algumas explicações sistemáticas adicionais:

1. Toda a discussão sobre o homem e suas circunstâncias sugere as categorias hegelianas de sujeito-realidade.
2. O pensamento de Guerreiro Ramos, que começa com as condições de vida,⁷⁷ expande-se progressivamente para outros níveis conceituais ou esferas existenciais de totalização. Os contatos e a atividade intelectual do homem não se acham restritos às suas circunstâncias ou situações imediatas. São claramente visíveis no mínimo duas esferas de existência adicionais, concêntricas e mutuamente contidas, que representam, respectivamente, o nível nacional ou regional e o nível universal. A primeira esfera existencial, tendo a vida como centro, compreende o homem e suas circunstâncias de vida; envolvendo concentricamente essa esfera, existem duas outras, representativas dos níveis nacional e universal.
3. Ao direcionar seu esforço analítico para a polaridade sujeito-objeto, ou centralizar sua conceituação no homem e suas circunstâncias de vida (o homem situado e datado), Guerreiro Ramos estabelece as bases de um pensamento dialético-cultural.
4. A meu ver, as três esferas de existência mencionadas expressam as relações dialéticas entre o singular (o homem e as suas circunstâncias), o particular (o

⁷⁶ Esta análise foi inspirada não apenas pelo exame da obra de Guerreiro Ramos, mas também pela consulta a Carlos Castilla Del Pino. *Dialectica de la persona, dialectica de la situación* Barcelona, Península, 1968.

⁷⁷ Como ele salienta em *Introdução crítica à sociologia brasileira*: “A vida tem sempre razão. Sempre tomei o partido da vida. Os modestos conhecimentos que acumulei(...) são vividos. As circunstâncias colocaram-me em tal posição que os meus estudos foram sempre comandados pela necessidade de compreender ou resolver problemas: mortalidade infantil, administração de negócios governamentais, organização social de negros, ação política, agressões pessoais, etc. Tive, assim, de, continuamente, testar na prática as minhas idéias e os meus conhecimentos, quando não, de extrair da prática uma teoria” (p. 214); “a essência da vida é a sua problematicidade incessante” (p. 79); “vivo dialeticamente” (p. 207).

nível regional ou nacional) e o universal (a comunidade humana universal), compreendidas, todas elas, tanto sincrônica como diacronicamente.

5. Existem polaridades dinâmicas em cada esfera de existência (polaridade inter-nível). Como essas polaridades têm uma natureza dialética, em cada particularidade ou singularidade está presente a característica de toda a humanidade, bem como cada homem está situado e datado em relação à mesma. Em virtude desse caráter dinâmico, alguma das esferas de existência poderá assumir, em determinado espaço social e período histórico, uma prioridade (ou hegemonia) temporária ou, em outras palavras, isto traz à tona a delicada questão de onde estabelecer os limites do todo supra-ordenado, ou onde totalizar as ações humanas.

6. Nesse contexto, as relações entre as esferas de existência, compreendidas sincrônica e diacronicamente, têm um caráter estratégico, isso é, os seres humanos e as nações (considerando, é claro, a diferente complexidade estrutural ou as características específicas de cada nível) têm que aceitar os desafios impostos pela realidade, mas mesmo assim eles lutam para manter sua identidade através do intercâmbio com os elementos do todo mais amplo e transformando-os de modo a adequá-los a si. Ou, nas palavras de Guerreiro Ramos:

“...quando nós assumimos voluntariamente o que nos condiciona, transformamos a estreiteza em profundidade.”⁷⁸

7. Assim sendo, as noções de situação e período histórico (ou fase) nos dizem que o fluxo vivo das idéias e dos símbolos do homem, particularmente o significado que podemos inferir das circunstâncias existenciais, ou atribuir a elas, tem uma natureza holística, isto é, algo é apreendido e revelado quando está intimamente relacionado a um conjunto de outros elementos, que juntos constituem uma configuração razoável, um todo unificado. Fatos e eventos fazem sentido para nós quando somos capazes de identificá-los como um elemento específico e ativo de um todo organizado. Quando eles se encaixam. Portanto, ao invés de dizer que algo tem significado para nós quando somos capazes de entendê-lo, estamos dizendo exatamente o inverso: somos capazes de entendê-lo porque tem significado para nós.⁷⁹

8. O item anterior e as discussões procedentes, especialmente as que abordam *A redução sociológica*, levam-nos a conceituar a razão histórica e sociológica como uma *unitas multiplex*, isto é, como o princípio construtivo de qualquer todo organizado.

9. Dizem-nos também que cada fase histórica tem uma espécie própria de fechamento, isto é, a história evoluiria de uma *unitas multiplex* para outra. Ou, como tornou claro Guerreiro Ramos na abertura de *Introdução crítica à sociologia brasileira*, ao citar John Stuart Mill:

“O problema fundamental, portanto, da ciência social é encontrar as leis segundo as quais qualquer estado da sociedade produz o estado que o sucede e toma seu lugar.”⁸⁰

Ou ainda:

“... é o todo que produz o todo, em vez de qualquer parte uma parte.”⁸¹

⁷⁸ Como mencionado por Guerreiro Ramos, esta é uma interpretação de uma idéia profunda expressa por Graciliano Ramos, e constitui postulado fundamental de filosofia contemporânea. Ver *Introdução crítica à sociologia brasileira*. op. cit. p. 33.


⁷⁹ Ver, por exemplo, a discussão sobre o modelo do padrão em Kaplan, Abraham. op cit. p. 327-36.

⁸⁰ Mill, John Stuart. *A system of logic*. VI, X, 2.

⁸¹ Id. ibid. VI, V, 6.

10. Como tivemos oportunidade de mencionar no item 6 de nossos comentários sobre a redução sociológica, o pensamento de Guerreiro Ramos está orientado para uma expectativa totalizante e universal, manifestada tanto sincrônica como diacronicamente. Sincronicamente, pela comunidade humana universal; diacronicamente, pelo processo civilizatório universal.

Finalmente, podemos dizer que Guerreiro Ramos é, acima de tudo, uma expressão de sua cultura. Os leitores ficarão intrigados com a questão: que estranha combinação de circunstâncias de vida tornou possível um pensamento tão vigoroso, um compromisso tão radical com a libertação humana, e, ao mesmo tempo, um projeto intelectual tão profundamente ancorado em bases éticas?



**ESTÁ NA HORA
DE LER: O 29º DIA**

A ecologia do ponto de vista
econômico, político e social.
Uma obra fundamental para
quem se interessa pela sobrevivência.

310 p

Procure nas Livrarias da FGV:
Rio: Praia de Botafogo, 188
São Paulo: Av. Nove de Julho, 2029; Brasília: CLS 104, bloco A,
loja 37. Ou peça pelo reembolso postal.

À FGV/Editora - Divisão de Vendas - Caixa Postal 9052 - CEP 20.000 - Rio de Janeiro - RJ